

O CACAU NA LITERATURA REGIONAL DO SUL DA BAHIA: ÍCONE DE DIFERENÇAS SOCIOESPACIAIS

THE COCOA IN REGIONAL LITERATURE OF SOUTHERN BAHIA: ICON OF SOCIO-SPATIAL DIFFERENCES

Lurdes Bertol Rocha¹

RESUMO

O uso da literatura nos trabalhos geográficos permite avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e fornecer exemplos de apreciação pessoal das paisagens. Em 1972, a União Geográfica Internacional (UGI) realizou uma sessão sobre a utilização de romances regionais para o ensino da geografia; em 1974, no encontro anual da Associação dos Geógrafos Americanos, teve lugar uma reunião sobre as paisagens na literatura; em 1979, o Instituto dos Geógrafos Britânicos dedicou um de seus encontros anuais às relações gerais entre a Geografia e a Literatura. Daí em diante o movimento estava bem estabelecido (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007). A paisagem cacauzeira do sul da Bahia transita na literatura regional de há muito, dando cores e vida aos personagens que povoam os romances, cordéis, poesias, músicas, trovas. Neste artigo estão em foco os principais autores que, em seus escritos, tiveram como personagem principal o cacau, responsável pelas mudanças socioespaciais da região sul da Bahia. Contudo, será dada maior ênfase à literatura jorgeamadiana, por entender que Jorge Amado, com seus romances, não só apresentou a região ao Brasil, mas ao mundo.

Palavras-chave: Região cacauzeira. Literatura regional. Geografia e Literatura.

¹ Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA. lurdesbertol@hotmail.com.

✉ Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais, Colegiado de Geografia. Km 16, Rodovia Ilhéus/Itabuna, Salobrinho. 45650-000. Ilhéus, BA.

ABSTRACT

The use of literature in the geographical studies permits the assessment of the originality and personality of specific places, as well as the provision of examples of personal appreciation of landscapes. In 1972, the International Geographic Union (IGU) held a session on using novels from certain regions of the country to teach geography; in 1974, a meeting about the landscape in literature took place at the annual convention of the American Geographers Association; in 1979, the British Geographers Institute dedicated one of its annual meetings to the general correlation between Geography and Literature. Thereafter the movement was well established (CORREA; ROSENDAHL, 2007). The cocoa landscape of southern Bahia has been constantly described in the regional literature, giving color and life to the characters that live in the novels, "cordel", poetry, music, "trovas". This article is focused in the authors that had the cocoa as their main character, which is responsible for the socio-spatial changes in the southern region of Bahia. However, greater emphasis will be given to the "jorgeamadiana" literature, based on the well-known fact that Jorge Amado, through his novels, has not only introduced the southern Bahia to Brazil, but also to the world.

Key-words: Cocoa region. Regional literature. Geography and Literature.

INTRODUÇÃO

O cacau, responsável pela formação, progresso, crises e reestruturação da região cacauzeira da Bahia, possui uma ecologia vegetal exigente: gosta de umidade, tanto do ar quanto do solo; de intimidade com a floresta, indispensável para a criação de ambiente sombreado, necessário para a vida saudável das roças e boa produção; de temperaturas médias anuais entre 25°C e 27°C, não suportando temperaturas inferiores a 15°C; e de umidade relativa do ar, em média, a maior de 88% em junho e a menor de 85% em janeiro, para o perfeito crescimento dos frutos. A boa ou má safra depende, em grande parte, dessas condições ideais, e é por isso que, com ansiedade, “[...] o homem da zona do cacau espera que do céu caiam as primeiras chuvas de verão. [...] É de ver a alegria que de uma hora para outra resplandece na fisionomia de todos quantos têm sua vida ligada ao cacau” (SANTOS, 1957, p. 19).

Com o estabelecimento e o desenvolvimento da lavoura cacauzeira, a região sul da Bahia, a partir do final do século XIX e início do XX, passou a ser vista como um *Eldorado*. Anualmente, milhares de pessoas chegavam de várias partes do país, principalmente de Sergipe, atraídos pela fama de riqueza atribuída à *árvore dos frutos de ouro*. No início de sua saga no sul da Bahia, o cacau foi introduzido no litoral. Canavieiras (à época fazendo parte do município de Ilhéus) foi a primeira área a cultivá-lo, em 1746, porém, foi a atual área do município de Ilhéus que se constituiu como ponto focal da região cacauzeira. Mais tarde, a cultura expandiu-se para o interior, numa corrida de disputa pelas melhores terras. Dessa forma, diversas cidades surgiram em função dessa cultura, desviando sua atenção da cidade de Ilhéus, que se constituía na capital do cacau.

Quando os primeiros sergipanos chegaram à região, no final do século XIX, para cultivar o cacau, o que fizeram com persistência, denodo, trabalho árduo, muito suor derramado, irrigando o chão, acreditavam que os cacauzeiros, por eles plantados, produziram frutos para sempre, sem necessidade de renovação das plantas e adubagem do solo. Contudo, para sempre é muito tempo. Como tudo no universo, o que nasce, morre, renasce, numa ciranda infinita.

A cultura desse produto, durante toda a sua história, passou por fases de alta produtividade, altos preços internacionais, mas também chegou ao fundo do poço, com crises de baixa produtividade devido às intempéries climáticas, às pragas, de forma cíclica. Na atualidade, se medidas urgentes não forem tomadas, a decadência dessa cultura poderá ser um fato consumado. O fausto que a região conheceu está hoje mais na memória das pessoas, na história local, nos monumentos, nos prédios que serviram de casas comerciais do cacau, tanto para exportação quanto para receber o produto como garantia de pagamento de dívidas, de adiantamentos de dinheiro, por conta da próxima safra, que nem sempre seria boa (PINTO, 2002).

Durante décadas, generosamente, os cacauais produziram os frutos que trariam riqueza, prosperidade, ganância, morte, vida; geraram e sustentaram fazendas, vilas, cidades; construíram o porto de Ilhéus, escolas, estradas, mansões; propiciaram viagens, festas, orgias; financiaram coronéis, estudantes, banqueiros, políticos. Por conta do cacau, foram criados o Instituto do Cacau da Bahia (ICB); a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacauzeira (Ceplac) com todos os seus órgãos: Centro de Pesquisa do Cacau (Cepec), Centro de Extensão (Cenex), Escola Média de Agropecuária da Região Cacauzeira (Emarc); a hoje Central Nacional dos Produtores de Cacau (CNPC); entre outros.

O cacau trouxe a riqueza, mas também a pobreza. Trouxe fartura, mas também escassez. A região, hoje denominada “microrregião

Ilhéus-Itabuna”, vivenciou uma fase de prosperidade sem precedentes, que se estendeu da segunda metade da década de 1970 até meados da década de 1980, período após o qual emergiu numa situação de grandes dificuldades. Os reflexos da crise que se instalou de forma mais aguda no início dos anos 1990 decorrem de uma série de fatores, tais como baixa de preços do produto, política cambial e, em especial, uma doença que acometeu os cacauais da região, a vassoura-de-bruxa (*Crinipellis perniciosa*). Esses elementos, em conjunto, foram responsáveis pela origem de uma grave crise, cujos resultados, do ponto de vista social, econômico e ambiental, apresentam-se altamente danosos. Este fungo, verdadeira bruxa montada em sua vassoura, veio disposto a varrer dos cacauais a inércia, a inépcia, o comodismo.

As árvores centenárias estavam em seu limite de esgotamento, sinalizando para a renovação. Contudo, a Ceplac, principal guardiã dos frutos de ouro, os agricultores e os exportadores não souberam ler os signos que apontavam para o iminente colapso da lavoura cacauera. Diversas medidas foram e estão sendo tomadas para salvar as lavouras da “bruxa e sua vassoura”, pois elas se constituem em um importante lastro da economia regional. E a literatura regional tem um papel fundamental, pois é graças a seus escritores, poetas, pintores, cordelistas que a história do cacau não será varrida pela vassoura-de-bruxa e seus corolários.

A SAGA DO CACAU NA LITERATURA REGIONAL

O interesse dos geógrafos pela literatura não é novo, porém, manteve-se marginal e os trabalhos foram escassos até o início dos anos 1970. A partir daí, a Geografia Humanista anglo-saxã passou a incentivar a utilização de fontes literárias.

A Geografia Humanista, procurando colocar o sujeito novamente no centro de seus trabalhos, levou numerosos geógrafos (evocando de maneira mais ou menos direta a fenomenologia) a utilizarem a literatura em seus estudos geográficos, visto que a literatura, além de fonte de prazer, é um modo de conhecer o mundo, o modo de vida dos homens em seus lugares, seu espaço e as relações que nele se desenvolvem. O uso da literatura nos trabalhos geográficos permite avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e fornecer exemplos de apreciação pessoal das paisagens.

Pelos eventos a seguir relacionados, é possível vislumbrar a importância que passa a ser dada à literatura nas obras geográficas: em 1972, a União Geográfica Internacional (UGI) realizou uma sessão sobre a utilização de romances regionais para o ensino da disciplina; em 1974, no encontro anual da Associação dos Geógrafos Americanos, teve lugar uma reunião sobre as paisagens na literatura; em 1979, o Instituto dos Geógrafos Britânicos dedicou um de seus encontros anuais às relações gerais entre a Geografia e a Literatura. Daí em diante, o movimento estava bem estabelecido (CORRÊA, ROSENDAHL, 2007).

Neste artigo, pretendo levantar os principais autores que, em seus escritos, tiveram como personagem principal o cacau, responsável pelas mudanças socioespaciais da região sul da Bahia. Contudo, a maior ênfase será dada à literatura jorgeamadiana, por entender que Jorge Amado, com seus romances, não só apresentou a região ao Brasil, mas ao mundo.

Em 1876, o paraense Inglês de Souza, sob o pseudônimo de Luiz Dolzani, publica o romance *Cacaulista*, iniciando, assim, uma vasta literatura com o tema cacau. Com esta obra, o autor dá início a uma série de romances amazônicos, surgindo o cacau como tema ficcional. Na Bahia, Afrânio Peixoto (1876-1947), depois Sabóia Ribeiro (1898-

1968) retomaram o tema, até chegar a vez de Jorge Amado (PEIXOTO, 1974).

Os autores que mais se dedicaram a contar histórias e a história sobre a cultura desse produto e sua influência na formação da região cacauera da Bahia, na vida social, política e econômica foram Jorge Amado e Adonias Filho. Enquanto Jorge Amado escreve de forma coloquial, imprimindo o linguajar de seus personagens *ipsis litteris*, Adonias Filho o faz de forma mais rebuscada, utilizando o vernáculo da academia. Ou seja, “enquanto o primeiro é mais preocupado com o que dizer, o segundo, em como dizer”, nas palavras do escritor e jornalista itabunense Hélio Pólvora (COSTA; SATURNINO, 2006, p. 15).

Tanto um quanto o outro tem seu imaginário ficcionista povoado pelas vivências de sua infância, pois acompanharam a violência, o ódio, a ganância e o amor, que construíram a saga da região cacauera do sul da Bahia. Jorge Amado, em especial, traduziu em suas obras a Bahia do cacau, a cultura de um povo rico em personagens. Os poetas, cantores, repentistas, o folclore, as peças de teatro que tratam do tema têm, também, como uma constante, o coronel, o jagunço, o trabalhador das roças de cacau, os caxixes, enfim, os elementos que povoaram e fizeram a região cacauera.

Pela saga do cacau no sul da Bahia, retratada na literatura regional, é possível identificar costumes, valores morais e religiosos, hábitos, o cotidiano da população do campo e da cidade. Os relatos ficcionais permitem elaborar mapas mentais que levam a fazendas, igrejas, bares, cabarés, praças, ruas. Dessa forma, o cacau e o homem grapiúna ganharam a imortalidade graças ao registro feito em romances, poesias e contos que ganharam o mundo. Jorge Amado, dirigindo-se a Adonias Filho (1965, p. 30), diz a esse respeito que

[...] essa paisagem e esse homem grapiúna viverão enquanto viver a língua portuguesa, imortais nas páginas de vossa alta literatura [de Adonias Filho], [...] romances que construístes com o sangue e a carne dessa gente, com suas matas de cacauzeiros, seus rios, seus montes, sua força de viver.

OS PERSONAGENS DO CACAU EM PROSA E VERSO: ESPACIALIDADE-TERRITORIALIDADE

Os personagens que Amado e Adonias Filho immortalizaram em seus romances permanecem, de alguma forma, escondidos em algum lugar, pela zona do cacau, buscando uma nova vida. Os poetas e escritores de tempos mais recentes continuam a cantar e contar a saga da região e a história da formação dos lugares.

Jorge Amado, um dos principais ícones da literatura regional/nacional, concebe, em suas obras, a *nação grapiúna*, nascida das reminiscências de sua infância vivida como filho de fazendeiro nas *terras do sem fim* da região cacauera da Bahia, onde os principais personagens são o coronel, o jagunço e o trabalhador rural, autores e atores das histórias daquela terra. Amado descreve como se deram a conquista e a posse do território no sul da Bahia, denuncia as injustiças sociais, a prepotência dos coronéis, a vida de trabalho árduo e quase escravo dos trabalhadores das fazendas. É em seus escritos que se tem notícia detalhada de que “a lei do mais forte é a lei da região do cacau, onde a ambição é a mola propulsora dos seus habitantes, os grapiúnas” (SIMÕES, 1996, p. 126). A partir das vivências cotidianas dos vários personagens de sua obra, observa-se a construção de uma territorialidade onde predomina a desigualdade social, pautada principalmente pelas relações de poder na prática social dos diferentes grupos sociais.

A análise de algumas de suas obras (*Cacau; Terras do Sem Fim; São Jorge dos Ilhéus; Gabriela, Cravo e Canela; O Menino Grapiúna e Tocaia*

Grande) permite a apreensão dessa espacialidade-territorialidade. Podem-se detectar nelas as relações sociais historicamente construídas, como resultado das relações econômicas, políticas, religiosas, ideológicas. Na ótica do autor, a sociedade é extremamente desigual, sendo que esta desigualdade se faz mais visível nos tipos de habitação dos coronéis, do trabalhador rural, do homem comum na cidade. Caldeira (1954, p. 32), em seu documentário da vida rural, dá conta dessa desigualdade descrevendo as moradias que, pela sua localização no terreno e pelo material de construção, definem o grau de hierarquia: “a localização da sede, [...] além de imprimir à paisagem uma nota hierárquica, tem a vantagem de permitir ao fazendeiro ou seu administrador uma visão de conjunto e quiçá a fiscalização [...] daquele pequeno mundo”. No entanto, em sua maioria, as casas dos fazendeiros eram simples, via de regra, de pau a pique e taipa. Eram levantadas em caráter provisório, quando da formação da roça, para ser substituída, mais tarde, por uma melhor. Nas grandes propriedades, as casas já exibiam melhor conforto: eram de alvenaria, “e até requintes de bom gosto”. As casas em que residiam os trabalhadores eram, em geral, “toscas habitações de madeira, raramente cobertas de telha [...] não dispõem de instalações sanitárias [...], o preparo dos alimentos é feito em fogões de barro, sobre os quais se coloca, por vezes, uma trempe de ferro” (CALDEIRA, 1954, p. 33).

A extrema desigualdade entre os diversos personagens, a começar pela diferença de suas moradias, pode ser percebida, também, em *Cacau*, escrito em 1933 (AMADO, 1976, p. 11):

Ficaram olhando. Como era grande a casa do coronel. [...] E morava tão pouca gente ali. O coronel, a mulher, a filha e o filho, estudante, que nas férias aparecia, elegante, estúpido, tratando os trabalhadores como escravos. E olharam as suas casas onde dormiam. Estendiam-se pela estrada. Umas vinte casas de barro, cobertas pela palha, alagadas pela chuva.

Nos romances de Jorge Amado, os coronéis do cacau são homens que desejam que seus filhos sejam doutores (médicos, advogados, engenheiros). Muitos, porém, não se tornam bacharéis, mas escritores, criadores de vida (AMADO; ADONIAS FILHO, 1965). Em seus escritos, o coronel é um homem forte, aventureiro, ardiloso, sagaz, maquiavélico, ousado, carrasco. Quando ainda na formação de suas fazendas, parte à frente *dos cabras* para a derrubada da mata e o plantio da lavoura nova. A terra desses coronéis, formada a partir da luta pela vida e contra a morte, de cuja epopeia surgiu a *civilização do cacau*, formou-se

[...] dessa valentia, dessa braveza, dessa dureza da vida alimentada com essas cores e esses perfumes da selva e das roças de cacau, com essa coragem de enfrentar o desconhecido para construir o futuro [...] da epopeia da conquista da terra surgiu a civilização do cacau [...] com sua violência, suas cores [...] seus sentimentos fundos e sua dura verdade (AMADO; ADONIAS FILHO, 1965, p. 38).

Entre os livros de Jorge Amado sobre a vida social e política que se desenvolve nas terras de cacau do sul da Bahia destacam-se *Cacau*, *O Menino Grapiúna*, *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, nos quais transforma os senhores do cacau, seu poder e sua coragem em mito. Essas obras mostram a saga do desbravamento das matas para plantar o cacau, produto que já se constituía numa importante riqueza econômica. A narrativa nesses romances mostra um período não contado na história oficial desta lavoura, quando o cacau ainda não era notícia. Foi o “momento em que homens destemidos enfrentaram a mata virgem, conquistaram largas áreas de terra e fizeram aqui no sul da Bahia a sua morada, tornando-se, mais tarde, fazendeiros de cacau” (SOUZA, 2001, p. 32).

Os personagens que povoam as páginas dos textos de Jorge Amado são homens de poucos recursos, porém com força bastante para derrubar matas com instrumentos primitivos como o machado e o facão, homens que se tornariam fortes, corajosos e que seriam o pivô de grandes tensões sociais.

Em *Cacau*, são recriadas as etapas da construção do espaço onde se desenvolveria uma cultura das *terras do sem fim*. Nele são denunciadas as injustiças sociais, a prepotência dos coronéis e a condição miserável em que viviam os trabalhadores nas fazendas. Em *O Menino Grapiúna*, são narrados os percalços da conquista da terra na qual se desenvolveria a *civilização grapiúna*. Em *Terras do Sem Fim*, fica clara a relação de poder entre os coronéis e seus subalternos e entre os coronéis e seus inimigos. Analisa a sociedade do cacau, mostrando a forma de pensar dos coronéis, representada pelos irmãos Sinhô e Juca Badaró, e por seu rival, Horácio da Silveira. Sendo irmãos, Juca e Sinhô pensavam e agiam de forma semelhante, apenas divergindo na maneira de sentir o findar da vida de quem matavam ou mandavam matar a fim de tomar-lhes as terras: Sinhô com resquícios de dignidade, e Juca tendo prazer no ato de matar ou mandar fazê-lo pelos seus jagunços. Pelas mortes, abriam-se os caminhos para a posse das matas nas quais as lavouras de cacau seriam estendidas. É evidente a forma de se conquistar a terra na região, representada pela fala de Horácio da Silveira (AMADO, 2001, p. 112):

Essa terra vai ser minha, nem que tenha de lavar a terra toda com sangue... Seu doutor se prepare, o barulho vai começar... [...] Nessa direção, seu doutor, estão as matas do Sequeiro Grande. Daqui uns tempos vai ser tudo é de cacau... Tão certo como eu me chamar Horácio da Silveira.

O espaço geográfico é percebido de diferentes formas, de acordo com os interesses dos grupos sociais que o habitam. Em *Terras do Sem Fim* (AMADO, 2001, p. 304), isso fica claro quando o autor escreve que Juca Badaró “[...] não via na sua frente a mata, o princípio do mundo. Seus olhos estavam cheios de outra visão. Via aquela terra, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau”. A mata, para seus desbravadores, não era um mistério, não era uma ameaça, era um deus, um espaço onde os homens se sentiam arrepiados e tremiam, onde seus corações ficavam em sobressalto; era a mata-deus que viam à sua frente (AMADO, 2001, p. 48). Ao contemplar sua obra, extasiado, o coronel

[...] via o campo cultivado de cacauzeiros, as árvores dos frutos de ouro regularmente plantados, os cocos maduros, amarelos. Via as roças de cacau se estenderem onde antes fora a mata. Era belo, nada mais belo no mundo que as roças de cacau (AMADO, 2001, p. 49).

A obra *São Jorge dos Ilhéus* é, na realidade, continuação de *Terras do Sem Fim*. Nela o autor faz um retrato das injustiças sociais, do papel da política nas terras do cacau. Coloca em evidência o golpe dos exportadores, que levaram a região a uma grave crise econômica e social. Em resumo, conta a história da conquista e da posse das terras do cacau no sul da Bahia pelos coronéis feudais do princípio do século XX, as vitórias e as derrotas da economia cacauzeira. Políticos e exportadores conseguem induzir a alta dos preços do cacau, baixando-os em seguida. Isso levou à morte coronéis e pequenos lavradores, porque a baixa de preços levava os proprietários endividados a entregar suas terras aos exportadores. A alta dos preços do cacau, ainda na roça, “[...] trazia na sua festa de dinheiro quanta coisa boa e ruim havia pelas cidades grandes” (AMADO, 2001, p. 260),

[...] João Magalhães enterrava dinheiro na derrubada da mata que lhe restava. Maneca Dantas construía um palacete, Horácio fazia caxixes, Frederico Pinto conquistava cabrochas na sua fazenda, jogava roleta, sentiam-se os donos da terra (AMADO, 1999, p. 268).

Nessa mesma linha, Tosta Filho (1936, p. 141) já chamava a atenção para outro problema, a prática de vender o fruto antes que ele tivesse sequer nascido, trazendo consequências funestas, não só para os produtores, mas para toda a economia regional. Escreve ele que tal prática

[...] consistia em sacar continuamente contra o futuro, tomando-se dinheiro a juros onzenários, vendendo-se o cacau antecipadamente por preços ínfimos, penhorando-se por vezes a colheita de muitas safras futuras, entregando-se de pés e mãos atadas a comerciantes que eram, ao mesmo tempo, compradores de cacau, vendedores de mercadorias, banqueiros, agências de informação, etc. [Claro que] esse regime não poderia durar eternamente. Afinal, veio o *crack* de 1930/31, que se seguiu ao período de preços mirabolantes de 1926/28. [No início da década de 1930] a situação econômica refletia-se perigosamente no ambiente social e que grupos de lavradores exaltados ameaçavam queimar, por atacado, as suas propriedades de preferência a entregá-las aos credores implacáveis cujas execuções montavam às centenas e invadiam a casa dos milhares. [Àquela época, o que estava em jogo] não eram apenas o bem-estar e o patrimônio de lavradores endividados, mas a própria estabilidade econômica da lavoura.

No afã de gastar o dinheiro do cacau que ainda estava nos pés, “esqueciam tudo, pois o cacau estava a cinquenta e dois mil réis. Era o nunca visto. Nem ouro valia como caroço de cacau” (AMADO, 1999, p. 307). O poder do fruto refletia-se em “roupas elegantes, os automóveis de luxo, o desperdício de ouro nos andores dos santos” (AMADO, 1999, p. 313).

Ribeiro (2005, p. 73), em *Rincões dos Frutos de Ouro*, escrito em 1928, já mostrava a alegria causada pelos preços altos do cacau e o desânimo causado pela sua baixa.

Florara, cedo, o cacauero, a mais não poder, e os preços se anunciavam bastante altos, com tendência a subir sempre, adiantavam as pessoas que liam os jornais vindos da capital. [...] Os últimos anos tinham sido, seguidamente, maus, os preços decaindo cada vez mais, trazendo o desânimo geral. Não tinham sido poucos os que, por desgosto, vendendo as suas roças, quase por um nada, indo cuidar de outra vida. Outras muitas, rogavam-se pragas, dizendo que as mãos se lhes aleijassem, no dia que ainda semeassem uma cova de cacauero. Agora, a coisa mudara, como por encanto. [...] Os lavradores, como que tinham criado alma nova e novo alento, e dessa alegria participava o trabalho intenso, que ia por todas as fazendas da larga faixa cacauera. [...] Enxameavam os comentadores, faziam cálculos sobre o volume da safra e preços do futuro, baseando as suas risonhas hipóteses, em argumentos vários, que nem sempre chegavam a ser razões.

Nesta “dança da subida estonteante” dos preços do produto, não se deram conta de que era uma manobra dos exportadores para derrubá-los e tomar-lhes as fazendas como pagamento das dívidas contraídas. A queda veio sem aviso quando, na calmaria dos preços que subiram de dezenove para cinquenta mil réis a arroba, em dois anos, “a queda foi muito mais rápida, o cacau baixando de cinquenta para oito mil réis em cinco meses” (AMADO, 1999, p. 322). Como consequência dessa crise ocasionada pela alta vertiginosa e em seguida uma queda brusca dos preços,

[...] quase todos os coronéis haviam subido para as fazendas, fechados os palacetes em Ilhéus, esquecidos os automóveis nas garagens, abandonadas as amantes. [...] Voltaram às casas-grandes, às roças, às esposas, novamente animando as criações de aves nos terreiros, acendendo os grandes fogões, limpando os tachos para os doces, providenciando o plantio do milho para o São João (AMADO, 1999, p. 324).

Talvez esta reviravolta econômico-social possa ser comparada aos estragos feitos pela vassoura-de-bruxa (causada pelo fungo *Crinipellis perniciosa* que atingiu os cacauais do sul da Bahia a partir de 1989) que campearia pela região cacauaieira no final dos anos 1980. Ou, quiçá, a narrativa de Jorge Amado tenha sido um prenúncio do que a bruxa traria com sua vassoura.

Em *O Menino Grapiúna*, o autor deixa claro que o amor e a morte são temas constantes em sua obra de romancista. Nele, retrata uma região muito particular em sua formação, em que “as cruzeiras demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais” (AMADO, 1996, p. 13). Eram terras que valiam ouro e, para protegê-las, era necessário ter um exército de rifles, pois “sangue de gente, o estrume, começava a se misturar com a terra” (AMADO, 1996, p. 27).

Nos romances de Jorge Amado já comentados, os personagens são essencialmente conquistadores de terras para o cacau. Em *Gabriela, Cravo e Canela*, também tendo o cacau como pano de fundo da vida dos personagens, a história é essencialmente urbana, em que é evidente a demonstração da força política. Este espaço é retratado com sua organização bem definida, no qual se manifestam o poder e a submissão.

No centro da cidade (de Ilhéus) moram os coronéis, os comerciantes, os exportadores em seus palacetes dos quais saem as diretrizes que comandam toda a vida política, social, econômica, e a dos subordinados, moradores da periferia. Em Ilhéus, centro nervoso regional da época, espocam bares, cabarés, cinemas, colégios. E para que a cidade se tornasse cada vez mais dinâmica, com equipamentos urbanos que fizessem frente às necessidades da elite, como a educação das filhas, e satisfizessem à religiosidade das mulheres, “[...] fazendeiros, exportadores, banqueiros, comerciantes, todos deram dinheiro para a

construção do colégio das freiras, destinado às moças ilheenses, e ao Palácio Diocesano, ambos no Alto da Conquista” (AMADO, 2002, p. 13). Contudo, apesar do progresso, as contradições se faziam presentes, visto que

[...] passavam ainda muitos homens calçados de botas, exibindo revólveres, [...] jagunços arrotavam valentia nos botequins baratos, de vez em quando um assassinato era cometido em plena rua. Cruzavam essas figuras com exportadores prósperos, vestidos com elegância por alfaiates vindos da Bahia [Salvador], caixeiros-viajantes [...] médicos, advogados, dentistas, agrônomos, engenheiros. [...] Fazendeiros andavam sem botas e sem armas [...] as esposas indo às fazendas apenas nas férias, gastando seda e sapatos de taco alto (AMADO, 2002, p. 13).

Neste romance entra o árabe Nacib, um personagem que não é da cultura cacauaieira, mas que passou a viver dela. Este fato já vislumbra a chegada de imigrantes estrangeiros, não para formar roças de cacau, mas para viver do resultado delas, na cidade que era sustentada pelos negócios do cacau.

As obras de Jorge Amado anteriores à década de 1980 fazem uma leitura da região cacauaieira a partir da perspectiva do poder do coronel. Já no romance *Tocaia Grande – a face obscura*, de acordo com Simões (1998, p. 123), há uma releitura da região sob o ponto de vista do menos favorecido: do trabalhador rural, da prostituta, do negro, do árabe comerciante. Reconta a história de outra perspectiva, a versão não oficial dos trabalhadores que ficaram esquecidos. Coloca em xeque a versão dos coronéis, revelando a *face obscura*, a versão dos mais fracos, do verdadeiro herói, esquecido pela história oficial. Enquanto em seus outros livros, chamados pela literatura de *ciclo do cacau*, o coronel é o personagem principal, em *Tocaia Grande – a face obscura* faz o resgate dos verdadeiros heróis, os trabalhadores das roças de cacau. Nesta

obra aparecem os elementos formadores da *nação grapiúna*: o árabe, o negro e o sertanejo sergipano. Segundo Simões (1996, p. 128),

O árabe representa o elemento branco das terras do cacau [para quem] a ânsia de enriquecer e o comércio são formas de alcançar a riqueza. [...] Com o negro veio a crença nos Orixás, no Candomblé [...] no sentimento da importância da liberdade. [...] Os sergipanos [...] distanciados do poder econômico eram os verdadeiros heróis; movidos por imenso sentimento de solidariedade faziam dele lei, código de honra.

Nesse romance, o personagem central é a cidade, em sua trajetória passo a passo: de lugar de pernoite a arruado, depois lugarejo, arraial, povoado e, pela ordem natural, cidade. Como nas demais cidades que surgiram por conta do cacau, a ficção mostra o que houve na realidade em sua gênese: enchentes, tocaias, coronéis, jagunços, prostitutas, caxixes, cobras, vindo à tona a história da coragem dos que realmente construíram a cidade, formaram as fazendas de cacau, esquecidos pela história oficial, submissa ao poder. Torna visível a face obscura do sofrimento, dor, trabalho e conquista. Isto fica claro quando Amado (1998, p. 4) mostra qual sua intenção na abordagem desse tema:

[...] Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de história por infame e degradante; quero descer ao renegado começo, sentir a consciência do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado.

Da relação entre o real e o imaginário, nasce a ficção, que é uma realidade do cotidiano, fruto do imaginário do autor e não um polo oposto a ela. Um romance é a manifestação cultural de um povo. Jorge Amado cria suas histórias e seus personagens a partir de uma relação do vivido e do imaginário, criando, assim, sua ficção, na qual brotam

fatos, lugares, homens, mulheres, crianças, heróis, bandidos, políticos, coronéis do cacau, mulheres da vida, aproximando-os da vida real.

Os perfis humanos criados pelo escritor deixam claros os costumes, desejos, crenças, formas de ser de um povo, o do sul da Bahia, cujos pés e coração apresentam-se lambuzados pelo visgo do cacau. Ele recria a história dos “ricos fazendeiros, os chamados coronéis do cacau, [...] época em que falar de cacau era falar em dinheiro e poder” (MENEZES, 2001, p. 18). Descreve a beleza, o lirismo, a exuberância e os mistérios da natureza, representados pela Mata do Sequeiro Grande (hoje Itajuípe), território de lutas pela posse da terra em *Terras do Sem Fim*, por exemplo. A mata, na descrição do autor, torna-se mágica. É possível ouvir os ruídos, as lamentações dos ventos que açoitam as árvores; ver o negrume da noite que tudo encobre e que tudo esconde dos olhares de quem não sabe olhar. É essa mata que será transformada na roça de cacau, palco de riqueza, poder, lutas de vida e morte pela posse e permanência nas terras.

A saga do cacau nas obras de Adonias Filho tem as mesmas cores fortes, a tragédia, a morte, os desmandos dos coronéis, a miséria dos trabalhadores das roças contada por Jorge Amado. Há em seus livros um movimento intenso que mostra o frenesi que o cacau proporciona aos que vivem dele e por ele: “[...] os animais de sela nos terreiros, as mulas de tropa enchendo a praça, tropeiros e plantadores, caçadores e alugados, a gente do cacau” (ADONIAS FILHO, 1975, p. 2). O movimento se intensifica de forma rítmica, pois “os cacauzeiros dominavam, subiam as colinas, desciam as planícies, cobrindo a terra seca e escura” (ADONIAS FILHO, 1975, p. 7) abrindo caminho para que novas levadas cheguem “[...] de Ilhéus e Itabuna acampadas como ciganos no que ainda permanece pasto. Povo que vem para ocupar as matas e romper a selva marcando pedaços” (ADONIAS FILHO, 1975, p. 10). Não só de Itabuna e Ilhéus eram os que ocupavam as glebas

para fazer roças, mas também aventureiros de todas as condições “vinham no rastro do cacau, em busca de dinheiro fácil” (ADONIAS FILHO, 1975, p. 67).

Adonias Filho, como Jorge Amado, traz à luz as histórias ocorridas na região do cacau, baseado nas vivências de quando menino em terras grapiúnas, onde descobriu os mistérios da natureza humana: “São as lembranças do garoto que acompanhou a saga da violência, ódio, ambição, amor” (SIMÕES, 1996, p. 79). Em sua obra, *Sul da Bahia: chão de cacau*, Adonias Filho (1976, p. 20) deixa claro, através de seu imaginário, a realidade do tempo em que o território sul-baiano ia sendo conquistado e o espaço organizado: “em todo esse tempo, nas funduras das grandes florestas, em tudo o que foi uma guerra contra a natureza, gerou-se uma violenta saga humana no ventre mesmo da selva tropical”.

Atualmente, o cacau não é mais uma semente plantada em terras regadas pelo sangue de jagunços, coronéis, advogados do caxixe, mas continua vivo no imaginário como um mito, fazendo principalmente de Ilhéus um cenário onde os romances, a poesia, as trovas não deixam morrer os personagens criados por eles, os quais perambulam pelas ruas, vestidos em atores, prédios, praças, como o Bataclan, o quarteirão Jorge Amado, o bar Vesúvio, o Nacib e a Gabriela, entre tantos outros.

A partir das obras aqui analisadas, pode-se perceber, através de frases, falas, ideias, as mais diferentes formas como o cacau aparece, enquanto signo que comanda a vida de toda uma região. Se para os proprietários de fazendas o cacau representa a riqueza, o luxo, o poder, o caxixe, para os trabalhadores significa muito trabalho, pouco dinheiro, sua vida e a da família como complemento das roças, uma máquina a serviço do plantio, da colheita e do transporte do produto para enriquecer cada vez mais seu patrão. Para o jagunço, é a

oportunidade de mostrar seus dotes de violência, com os quais daria segurança aos frutos de ouro a qualquer custo. Na síntese do quadro a seguir pretende-se dar uma ideia dessa dança de significados para os diversos personagens das obras analisadas.

Figura 01: Significado do cacau nas obras analisadas

Cacau na fala dos autores: signo de riqueza, beleza, poder, promessa.

- Eldorado em que os operários falavam como da terra de Canaã.
- Cacau é o único nome que soa bem.
- As roças são belas quando carregadas de frutos amarelos.
- Os cacauzeiros é que estavam maravilhosos, os cocos de ouro por onde os pingos de água corriam como brilhantes raros.
- Uma árvore que se chamava cacauzeiro e que dava frutos cor de ouro que valiam mais que o próprio ouro.
- Via o campo cultivado de cacauzeiros, as árvores dos frutos de ouro.
- Era belo, nada mais belo no mundo que as roças de cacau.
- A visão e o cuidado das roças de cacau, espetáculo sublime, doce tarefa, jubilosa.
- Os coronéis requintavam no enfeite dos peitorais das madrinhas das tropas, era uma prova da sua fortuna e do seu poderio.
- [Por causa da] roça de cacau, nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe, palacete, cabaré, colégio, nasce teatro, nasce até bispo...
- Essa terra dá de tudo enquanto der cacau...
- Essas roças de cacau são o trabalho, o jardim, o cinema, tantas vezes o cemitério desses homens.
- Os frutos de ouro lembram lâmpadas de ouro de catedrais antigas, fulgem com um brilho resplandecente aos raios do sol.
- Cacau era mesmo que ouro, a melhor lavoura que se podia desejar, o melhor emprego de capital.
- Os frutos das árvores de cacau valiam mais que ouro em pó.
- Se desse jeito, enterrava minhas roças no caixão, abraçadas comigo, juntinhos, no outro mundo ia brincar com elas.
- [...] Então era a riqueza, dinheiro que um homem não podia gastar, casa na cidade, charutos, botinas rangideiras.
- Vinham ricos, de anelões nos dedos, relógios de ouro, pérolas nas gravatas. E jogavam o dinheiro fora, em presentes caros para os parentes, dádivas para as igrejas e para os santos padroeiros, em apadrinhamento das festas de fim de ano, "Voltou rico", era só o que se ouvia dizer na cidade.
- Cacau: dinheiro, poder, vida.
- Queimar cacau é mesmo que queimar dinheiro vivo.

continua...

continuação...

Cacau para os trabalhadores.

- [...] o coronel, a mulher, a filha, o filho, estudante, que nas férias aparecia elegante, tratando os trabalhadores como escravos.
- Nós [os trabalhadores], duas vezes por dia, dançávamos sobre eles [os caroços de cacau], uma dança na qual só os pés se moviam. O sol queimava os ombros nus.
- [...] olhava a paisagem de ouro dos cacauais, na qual nós [os trabalhadores], homens nus da cintura para cima, éramos simples complemento.
- Saí com ódio de todos e de tudo. E no escuro [...] arranquei um coco de cacau e com uma pedra o esmaguei.
- Os trabalhadores na roça tinham o visgo do cacau mole preso aos pés, virava uma casaca grossa que nenhuma água lavava jamais.
- Para os trabalhadores das fazendas [...] a alta do cacau não adiantava nada. Era sempre a mesma vida miserável, que nenhum acontecimento conseguia mudar, nem o progresso da zona, nem a riqueza crescente dos coronéis.
- O visgo de cacau, esse mel que se gruda aos pés e nunca mais larga, lhes dá uma casaca de tronco, o impaludismo lhes dá a cor amarela dos cocos de vez, bons de colheita.
- Os pés enormes dos alugados [tipo de trabalhador da roça] só parecem mesmo com raízes, não parecem com nenhuma outra coisa.

continua...

...continuação

Cacau e jagunços, caxixe, morte.

- De quando em vez também chegava a notícia de que um morrera de um tiro ou da mordida de uma cobra, apunhalado no povoado ou baleado na tocaia.
- As cruces demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais.
- Antes de existir qualquer casa, cavou-se o cemitério ao sopé da colina [...] as primeiras pedras serviram para marcar as covas rasas nas quais foram enterrados os cadáveres no fim da manhã [...] não ficara um cabra sequer para contar a história.
- [...] alguns urubus, atraídos pelo sangue e pelas vísceras expostas, sobrevoavam os homens ocupados no transporte dos corpos e na abertura das covas.
- Já ouvira falar em caxixe? Diz-que é um negócio de doutor que toma a terra dos outros [...]. Vem um advogado com um coronel, faz caxixe, a gente nem sabe onde vai parar os pés de cacau que a gente plantou.
- [...] o acerto de boca, a palavra empenhada de nada valerem. Tiveram de entregar a terra lavrada, a casa, o galinheiro, o poço, a segurança e o riso por dez réis de mel coado. [...] não adianta discutir, é pegar ou largar. Queixar-se a quem? Ao Bispo?
- Tu vai ser trabalhador ou tu vai ser jagunço?
- [...] foragidos, ladrões e assassinos [...] que, montados, percorrem o território com os corações brutos, o sangue imundo, alugados para o serviço da morte. [...] os jagunços sempre se renovam com a morte matando todos os dias.
- [...] De jovem fugitivo da justiça, [...] ascendera àquelas alturas: capanga, capataz, chefe de jagunços, homem de confiança, pau para toda obra.
- Homem que não mata não tem valia pro coronel.
- Essa terra vai ser minha, nem que tenha de lavar a terra toda com sangue.
- Vão entrar na mata, mas é pisando carne de gente, pisando defunto.
- Carne vai ser estrume de pé de cacau, cada muda vai ser regada com sangue.

Fonte: AMADO, 1982; 1998; 1999; 2001; 2002; ADONIAS FILHO, 1975; 1976; 1997; MATTOS, [s.d.]; 2002.

Assim, nas décadas de 1930 a 1970, período da criação do Instituto do Cacau da Bahia (ICB) e da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac) para fazer face às crises, a região foi cantada e contada por vários autores que trataram de forma ficcional as questões da terra, da ocupação, em que o cacau era o signo da fortuna, do ouro, da vida fácil no imaginário regional, mas era também o responsável pelos desmandos sociais, políticos e econômicos. Na literatura regional eram retratadas, como se constatou, a conquista da terra, a colheita, a comercialização, mas também as distorções sociais. Nesse período, a região foi chamada de *pobre região rica*. Dentre as várias razões que Asmar (1983, p. 69; 70) cita para considerar a região uma pobre região rica, estão:

Rica porque nela nasceram muitos artistas, poetas e romancistas, alguns de fama internacional. Pobre, porque a pintura, a poesia e o canto [...] não chega a despertar os homens responsáveis para a repartição da altamente concentrada e injusta riqueza. [...] Rica, porque seu vasto território permite o cultivo de produtos de subsistência, outrora convivendo com o cacau. Pobre, porque o que a população consome, aqui não é produzido. Rica, porque só a Microrregião Cacaueira tem quase um milhão de habitantes. Pobre, porque essa população raramente elege um deputado [...] [e] quando são escolhidos os secretários de Estado e os técnicos, políticos e cidadãos da região não são convocados.

Nos anos 1970 a riqueza provinda do cacau, apesar de crises intervalares, trouxe um período áureo para a região, constituindo-se em febre de riqueza, de busca do poder, do possuir. Nesse período, chamado de época de ouro, a tonelada chegou a ser vendida a 3.620 dólares. Hoje custa um pouco mais de mil dólares. No campo da literatura surgem outros nomes, agora com outras

indagações, mas com o mesmo signo, o cacau. Destacam-se Cyro de Mattos, Hélio Pólvora, Euclides Netto, entre tantos outros.

Para Caê, (JUPARÁ, 1995) poeta grapiúna, a formação dos lugares na região cacauzeira, não diferindo do que se encontra na prosa dos autores acima citados, se deu da seguinte forma:

No início vieram os tropeiros / Foram formando suas tendas /
Fazendo ruas com as vivendas / De sapé e taipa / Depois vieram
os cangaceiros, / Os coronéis / Os retirantes e os posseiros /
Plantando vida / Fazendo história / Colonizando / O que se
tornaria / A gênese do lugar.

Mattos (2004, p. 43) descreve, de forma épica, como as veredas dessa região, que se transformariam em terras produtoras do ouro vegetal, foram sendo ocupadas pelos diversos personagens. Verseja ele:

Havia os que penetravam a mata escura, / Havia os que
improvisavam moradas / Havia os que derrubavam os paus
grandes / Havia os que / brigavam com onça [...] / Não foram
esses com mãos de madeira grossa /
Que em léguas de terra amarga / De sol a sol na primeira planta /
Colocaram na bainha o punhal da noite escura?

Nesse poema, percebem-se as diversas tarefas executadas que darão forma a um novo espaço geográfico, no qual a mata é derrubada, os animais são afastados e, ao recuar da mata e dos animais, surgem as moradias humanas. Nas mãos dos que construíram esse novo espaço surgem os calos do labor duro e do uso do punhal que traria a noite (morte) para animais e homens. Assim, esse espaço “não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 328).

A riqueza advinda do cacau ocasionou muitos desmandos e, em 1989, a VB trouxe a pior crise que a região já vira. Hoje, a frase do professor Asmar (*pobre região rica*) foi substituída pela voz do povo em “avô rico, pai nobre, filho pobre”, numa clara alusão à situação de penúria de parte dos herdeiros das fazendas de cacau.

Simões (1998, p. 122) sintetiza o quadro dizendo que “[nos anos 1990] os tempos mudam. A região empobrece [...] além da podridão parda, a VB assola as roças dos frutos de ouro”. Mattos (2002, p. 254-255), em seu *Poema da Vassoura-de-Bruxa ou Versinverso da Flora*, escreve que o fruto, antes produzido em áreas florestadas, agora está murcho, o roxo substitui o azul, num sinal de tristeza, e o mito (o cacau) não mais se encontra nas barcaças, vitimado pela bruxa que por ali passou em seu voo rasante, cobrindo as lavouras de cinza.

[...] o azul de lugar muda / sombras somente sombras / mito vazio
nas barcas / meu peito tinha música / rua assoviava andadura /
cheiros sons sentidos / em meu batismo de léguas / manhãs de
nada constato / morta hora real e nua [...].

Na linguagem popular das trovas, o cacau é apresentado com as cores fortes do trabalho rude na roça, mostrando a força do fruto como signo da vida cotidiana dos que vivem e morrem por ele.

Andrade (1979) coletou material sobre o tema escrito em cordel por Minelvino da Silva, eminente trovador popular da região sul da Bahia. Abaixo seguem alguns versos para ilustrar o significado do cacau para o homem comum.

Lá vem a lua saindo / Lá por trás do cacauzeiro; /
Trabaio como um escravo / E nunca ajunto dinheiro.

Trabaio a semana inteira / Desgraço as mão na estrovenga, /
E de Sabo pra Domingo, / Gasto o dinheiro com as quenga.

Os ricos daqui são bom / De coração verdadeiro /
Dão meio quilo de carne / Prá se comê o mês inteiro.

Pelos queixumes do trabalhador das roças de cacau, retratados nos versos acima, a lida era dura; o fruto trazia riqueza e poder para seu patrão, enquanto sua vida continuava pobre e sem perspectivas, a não ser por alguma diversão com mulheres da vida, com quem afogava suas mágoas e gastava o suado dinheiro. Discutindo a crise da cacauicultura, o cordelista Minelvino da Silva mostra sua preocupação.

Tem bastante fazendeiro / Que está pra se acabar. /
Sem o cacau dar dinheiro / Leva a vida a maginar /
Devendo tanto no banco / Sem ter com que pagar.

CONCLUSÃO

Pelas obras dos ficcionistas, poetas, cordelistas emerge-se do regional para o universal, visto que a cobiça, o ódio, o amor, a força, a fragilidade são atributos presentes na saga de ocupação do território e organização do espaço geográfico de diversas partes do mundo, como ocorreu desde a disputa por áreas de caça e pesca pelos primitivos habitantes deste planeta, até passar pela conquista da terra americana pelos europeus ou pela posse de áreas que contêm riquezas minerais, como é o caso do ouro e do petróleo. Não seria diferente com a ocupação e o desmatamento das áreas do sul da Bahia para o cultivo do cacau, ainda mais sendo este considerado a *árvore dos frutos de ouro*, expressão criada por Afrânio Peixoto (1876-1947), de acordo com informações de Hélio Pólvora “em dois de seus romances, *Maria Bonita* (1914) e *Fruto do mato* (1921)” (COSTA; SATURNINO, 2006, p. 15).

A literatura foi, assim, importante propaganda dessa região da Bahia e ajuda a entender a ocupação dos espaços, sua gênese e transformação, e as desigualdades socioespaciais. Graças às obras

literárias a região cacaueira ficou famosa nos mais diversos pontos do país e do mundo, criando uma mística especial no imaginário popular. Carvalho (1997, p. 118), que não conhece pessoalmente a região, resumindo a mística que se formou em torno dela, assim se expressa:

Região que se tornou famosa pela literatura romanesca dos escritores que lá nasceram, lá viveram, lá formaram sua cultura, lá se identificaram com sua gente, lá se projetaram no cenário nacional. [...] região próspera e rica do nosso país se formou uma casta de homens denodados, abrutalhados pela violência da vida, lendários nas suas histórias, os célebres coronéis do cacau.



REFERÊNCIAS

- ADONIAS FILHO. **Corpo vivo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- _____. **Léguas de promessa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. **Sul da Bahia: chão de cacau**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **Sul da Bahia: chão de cacau**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- AMADO, Jorge; ADONIAS FILHO. **A nação grapiúna**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.
- AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- _____. **Tocaia grande: a face obscura**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

- _____. **São Jorge dos Ilhéus**. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **Terras do sem fim**. 68. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. **Gabriela, cravo e canela**. 87. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002.
- ANDRADE, Maria Palma. **Itabuna**: novo estudo monográfico. 2. ed. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1979.
- ASMAR, Selem Rachid. **Sociologia da microrregião cacauera**. Itabuna: Itagrafe, 1983.
- CALDEIRA, CLOVIS. Fazendas de cacau na Bahia. **Documentário da vida rural**, n. 7. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1954.
- CARVALHO, Á. de. **Viagem sentimental à Bahia**. Florianópolis: Rocha Editora Gráfica, 1997.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.
- COSTA JÚNIOR, J.; SATURNINO, A. Cacau. **Correio da Bahia**, Salvador, 28 ago. 2006. Correio Especial, p. 1-16.
- JUPARÁ. **Frutos dourados**. Itabuna: Jupará Records, 1995 (CD-ROM).
- MATTOS, Cyro de. **Berro de fogo**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, [s.d].
- _____. **O mar na rua do Chile e outras crônicas**. Ilhéus: Editus, 1999.
- _____. **Cancioneiro do cacau**. Epopeia e mistérios da civilização do cacau na Bahia, de sua origem aos dias atuais. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- _____. **Canto a Nossa Senhora das Matas**. Salvador: Casa das Palavras: Fundação Casa de Jorge Amado, 2004.
- MENEZES, Juliana Santos. **As imagens de Ilhéus em Terras do Sem Fim, São Jorge dos Ilhéus e Gabriela, cravo e canela**. 2001. (Monografia de pós-graduação *lato sensu*) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. **Ciências do homem e fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973.
- PEIXOTO, J. A. **Maria Bonita**. São Paulo: Clube do Livro, 1974.
- PINTO, V. B. A decadência do império. **Agora**, Itabuna, ano XXI, n. 1014, p. 2. 19 a 25 out. 2002.
- RIBEIRO, S. **Rincões dos frutos de ouro**. Contos regionais da Bahia. 2. ed. rev. e ampl. Ilhéus: Editus, 2005.
- SANTOS, Milton. **Zona do cacau**. Introdução ao estudo geográfico. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Caminhos da ficção**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.
- _____. A ficção da região cacauera baiana: questão identitária. **Revista do centro de estudos portugueses Hélio Simões**, n. 1. Ilhéus: Editus, 1998. p. 119-128.
- _____. **Expressão poética de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: Editus, 2002.
- _____. **Turismo cultural e sustentabilidade**: exemplo da região sul do estado da Bahia, Brasil. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/potencias/maria_de_lourdes.htm>. Acesso em: 31 jan. 2006.
- SOUZA, Antônio Pereira. **Tensões do tempo**: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado. Ilhéus: Editus, 2001.
- TOSTA FILHO, José Ignácio. **Restabelecendo a verdade sobre o cacau brasileiro**. (A respeito do folheto: Defesa do cacau brasileiro, do Dr. Filogênio Peixoto). Bahia: A Graphica, 1936.
- VIEIRA, José Haroldo de Castro. **A vassoura e a bruxa e outras histórias**. São Paulo: GRD, 1993.

O Cacau Na Literatura Regional Do Sul Da Bahia: Ícone De Diferenças Socioespaciais
Lurdes Bertol Rocha

_____. **Visgo do cacau.** (Documentário). São Paulo: Edições GRD, 1994.

_____. **Últimas cicatrizes:** os desafios do cacau (Documentário). São Paulo: Edições GRD, 2002.

VINHÁES, José Carlos. **São Jorge dos Ilhéus:** da capitania ao fim do século XX. Ilhéus: Editus, 2001.

Submetido em Fevereiro de 2011.

Aceito em Maio de 2011.